

UM MONUMENTO TRECENTISTA: A HERANÇA LINGUÍSTICA DOS
MANUSCRITOS SERAFIM DA SILVA NETO

A TRECENTIST MONUMENT: THE LINGUISTIC HERITAGE OF *SERAFIM
DA SILVA NETO'S MANUSCRIPTS*

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Professor da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Pós-Doutorado Universidade de Coimbra, UC, Portugal

Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Brasil

Capes/Proc.: 88881.119211/2016-01

e-mail: americovenancio@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7584-0598>

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v7i14.19307>

Recebido em 18 de setembro de 2018

Aprovado em 19 de fevereiro de 2019

RESUMO:

O *Livro das Aves*, os *Diálogos de São Gregório* e o *Flos Sanctorum* compõem, inegavelmente, um espólio monumental, a que a escrita e a solidificação histórica da língua portuguesa rendem vênua. Desviados do espaço original de produção na Idade Média portuguesa, transportaram, do século XIV para o presente, uma língua no silêncio velado do pergaminho e, desde 1950, constituem-se nos documentos mais antigos escritos em língua portuguesa existentes no Brasil. Considerando ser próprio a monumentos não apenas representar uma história cristalizada às confluências e defluências sociais, mas especialmente permitir a apreensão dos movimentos e dos contornos das sociedades que os constroem, servindo-se-lhes funcionalmente de forma retroalimentadora, discutem-se neste trabalho alguns aspectos linguísticos que comprovam o valor maior desse espólio documental, que reside na possibilidade de representarem a variação e os processos de mudança em sua integridade histórica, ou seja, evidenciarem a tão necessária e propagada diversidade ou diferença, sem os disfarces e controles de uma norma padrão que ainda se encontrava, àquela altura de sua produção, embrionária. A memória linguístico-literária, que comportam, cumpre devidamente esse papel e revela a vivacidade de fenômenos da língua, cujas regras e padrões não se apagaram e continuam a se propagar no português brasileiro, como têm evidenciado as diversas pesquisas em Linguística Histórica que se têm realizado com base nesses documentos, no Brasil e no exterior.

Palavras-chave: Monumento linguístico; Manuscritos Serafim da Silva Neto; Livro das Aves; Diálogos de São Gregório; Flos Sanctorum.

ABSTRACT:

Livro das Aves, *Diálogos de São Gregório* and *Flos Sanctorum* undoubtedly comprise a monumental treasure, to which the writing and the historical solidification of the Portuguese language yield meaning. Diverted from the original space of production in the Portuguese Middle Age, they transported, from the 14th century to the present, a language in the veiled silence of parchment, and since 1950, such documents are the oldest written in Portuguese language in Brazil. Considering that monuments not only represent a crystallized history consisted of social confluences and non-

confluences, but, especially, allow the apprehension of the movements and the contours of societies that construct them, some linguistic aspects are therefore discussed in order to prove the greater value of this documental collection, resting on the possibility that such documents represent the variation and the change processes in the historical constitutional procedures of the Portuguese language, during a period when the controls of a standard norm was still in an embryonic stage. The linguistic-literary memory they carry reveals the vivacity of language phenomena, whose rules and standards have not disappeared but continue to propagate in Brazilian Portuguese, as evidenced by the several researches in Historical Linguistics based on these documents, in Brazil and abroad.

Keywords: Linguistic monumento; Serafim da Silva Neto's Manuscripts; Livro das Aves; Diálogos de São Gregório; Flos Sanctorum.

INTRODUÇÃO

Os traços sêmicos de 'grandiosidade', 'história', 'imponência', 'importância', 'sobrevivência', associáveis a ainda tantos outros que a memória pudesse interpor, concorrem para a composição arquilexemática que a língua portuguesa tem cristalizado no vocábulo *monumento*.

De vitalidade lexical talvez ainda não ameaçada em sua perenidade pelos neologismos – não obstante tão sempre bem-vindos, que se diga, e maravilhosamente próprios à dinâmica dos processos de mudança linguística –, tem esse conceito, há séculos, se solidificado na sociedade e se consubstanciado na língua, representando uma das mais altas aferições da perpetuação memorialística, desde os remotos latinos *monumentum* e seu plural *monumenta*, com seus sentidos originais de 'o que traz à memória' e 'lembrança e penhor de amor', aos arcaicos *muymento* ~ *moymento*, até aos contemporâneos, reconformados e reacomodados pela erudição da escrita, *monumento*, *monumentos*.

Figura 1 - Nuvem lexical de *monumento*.

Quando se propôs, de ímpeto, utilizar o vocábulo *monumento*, como epíteto, no título desta fala, para mais contundentemente caracterizar a relevância dos *Manuscritos Serafim da Silva Neto*, tinha-se de antemão – como se poderá constatar mais adiante – as devidas e justas noções de congregarem esses documentos medievais trecentistas as credenciais materiais, literárias e, sobretudo, linguísticas de tamanha honraria, a que confluíssem as cargas semântico-lexicais das unidades anteriormente aludidas que aqui se pedirá desculpas de as repetir: ‘grandiosidade’, ‘história’, ‘imponência’, ‘importância’, ‘sobrevivência’ – enunciadas em ordem alfabética por não serem essas cargas sêmicas menos importantes umas do que as outras – haja vista ter-se tido logo à partida da redação deste texto a preocupação de submeter o julgamento sobre o valor monumental dos manuscritos à mais fria e preponderante linha de observância científica e análise do pensamento.



Figura 2 - Nuvem de semas de *monumento*.

Mas, como diria Paulo Freire, “estética e ética se dão as mãos” e, para além da “precisão rigorosa do pensamento e (...) respeito à verdade”, não se pode esquecer da “boniteza da expressão” (FREIRE, 2001, p. 81-82). Assim, se foi delineando, na composição dessa ideia, um outro tipo de zelo, uma demanda quiçá um pouco mais arrojada e perigosa, que incorporasse justificativas menos racionais, mas tão efetivamente válidas. Afinal, todos sabem que nem só de frias análises do pensamento vive o homem. E como bem disse Fernando Pessoa:

Todos haviam de ter
 No fundo do pensamento
 A novidade de haver
 Um cantar velado e lento. (PESSOA, 1973, p. 59).

Então, jamais se pôde esquecer, como professor, o verdadeiro deslumbramento que se presenciou de alguns alunos da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal da Bahia quando, pela primeira vez, tiveram a oportunidade de ter em mãos esses manuscritos, de mais de seiscentos anos, em uma visita de pesquisa à Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Brasília, nos idos dos anos 2000. Pareciam aqueles jovens estar diante da própria memória que até então julgavam desconhecer.

E, na sequência do processo de rememoração, desvio tão próprio aos homens e mulheres da área de Letras, pelo que de antemão pede-se desculpa por algum tipo de

exagero, veio, inopinadamente, logo à mente mais um pouco de “boniteza”, na forma de alguns versos do *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento (MORAES, 1960, p. 96).

Ora, como tão bem dissera Bernardo Soares, conhecido heterônimo pessoano, que é a literatura “a arte casada com o pensamento”(SOARES, 1982, p. 520), julgou-se poder propor juntar a *monumento*, nessa linha de raciocínio, os léxicos *atento*, *tanto*, *encanto* ao já essencialmente preconizado ponto de partida de análise, o *pensamento*, não apenas pela rima que comportam, senão pelo valor humano que representam.

E, por mais estranho que algo sempre *tanto* surpreenda o mais *atento pensamento* dos homens, sem uma razão que se possa logicamente verificar, os quatro versos do poema de Vinícius de Moraes, processados no Wordcloud indicaram uma única palavra central, tão insólita e desconexa ao cenário com que se estava a trabalhar que pairou como a visão de um assombro: *amor*.

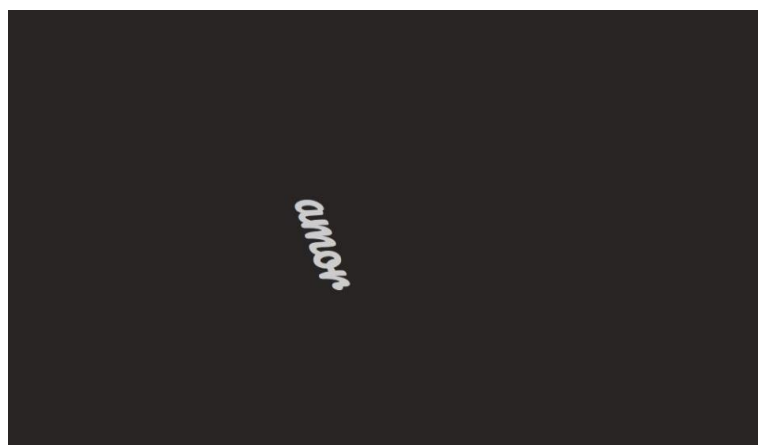


Figura 3 - Nuvem da estrofe de *Soneto de Fidelidade*.

Sem se poder tão rapidamente esquecer uma possível coincidência com a carga sêmica de ‘lembança e penhor de amor’ que motivava a existência lexical de *monumentum*, no distante latim, no início desta fala revelada, viu-se tratar-se de um erro o estranho resultado da nuvem, conquanto nem por isso menos admirável, e que adviria evidentemente de algo relacionado ao processamento de dados. Considerando ser, mesmo

que poeticamente, tão arriscado associar essa palavra ao raciocínio que se pretendia desenvolver, repetiu-se o procedimento, chegando a uma nuvem mais real, conquanto – que se revele – decepcionantemente morna.

Mas, no terreno das elucubrações infundáveis da mente de um linguista, coube, desta feita, ao Wordcloud, inserir, *par hazard*, os vocábulos *sempre* e *atento* nos limites superior e inferior da nuvem.



Figura 4 - Nuvem da estrofe de *Soneto de Fidelidade* reprocessada.

E aí recrudescceu, nessa altura, a ideia de *monumento* associada à preocupação sobre a relativa perpetuidade das coisas, a que antes se vinculava o traço semântico ‘*sobrevivência*’ e a atenção que se lhe deve dedicar, nesse âmbito de análise. A preocupação quanto à preservação desses manuscritos é grande – sabe-se – e já havia sido tópico de comunicação no III Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em 2003 no Hotel Glória no Rio de Janeiro, tendo da discussão participado nomes expoentes do cenário da Linguística nacional.

Foram, nessa oportunidade, apresentados relatos sobre as reais condições de conservação desses documentos, inclusive indicações para limitação de acesso e manuseamento a serem impostas, em razão do estágio de degradação de alguns fólios, especialmente no que concerne ao *Livro das Aves*, e ao perigo de se misturarem folhas dessas obras, como se identificou em uma das visitas realizadas, em que, para além da desordem de alguns cadernos, havia fólios dos *Diálogos de São Gregório* inopinadamente

inseridos no *Flos Sanctorum*. O trabalho apresentado foi publicado em 2004, na revista *Filologia e Linguística Portuguesa*, da USP, embora com muito tímidas considerações finais. Advertiu-se:

Embora estejam hoje depositados em um cofre climatizado na Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, parecem merecer melhores cuidados nas condições de seu arquivamento (MACHADO FILHO, 2004, p. 49).

Espera-se, portanto, que essas condições tenham-se alterado em prol de lhes assegurar a maior longevidade possível.

E, como alento, recorre-se novamente à poesia e à memória dos livros “que sabem de cor / milhares de poemas”¹. Foi Vinícius de Moraes que, em outra imponente obra, marcou a ferro o tão conhecido conceito de “enquanto-dure” (MORAES, 1960, p. 96), condicionando, paradoxalmente para *sempre*, a eternidade das coisas. E, inobstante a sobrevivência de meia dúzia de séculos desses monumentos e os riscos futuros do fado material do *Livro das Aves*, dos *Diálogos de São Gregório* e do *Flos Sanctorum*, será sempre a perpetuidade mesmo um paradoxo com que se terá de lidar, como tem recorrido o homem ao encanto e ao pensamento com o fito de conjugar marcos e padrões para a sua história e para justificar a ideia de monumento.

Não obstante, Carlos Drummond de Andrade já havia advertido, através da fala de seu personagem, um quase filósofo – que se diga –, que “não se deve plagiar a eternidade” (ANDRADE, 1985, p. 20).

O *Livro das Aves*, os *Diálogos de São Gregório* e o *Flos Sanctorum* compõem, condicionados à cruel realidade de “enquanto-durem”, um espólio inegavelmente monumental, a que a escrita e a solidificação histórica da língua portuguesa rendem vênias.

Podendo ser considerados, *mutatis mutandis*, *ooparts* (*out of place artifacts*), se se utilizar o termo cunhado por Ivan T. Sanderson – controverso criptozoologista do século XX –, os Manuscritos Medievais da UnB, que se insiste em chamar de os *Manuscritos Serafim da Silva Neto*, desviaram-se do espaço original de produção, transportaram uma língua adormecida no silêncio velado do pergaminho e desde 1950 invadiram outra dimensão do tempo.

¹ Leminsky, Paulo. *M de memória*. Captado em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/poesia/melhores-poemas-de-paulo-leminski-58530>>. Acesso: 27/04/2018.

Quando foram trazidos para o Brasil, mereceram de seu *importador* o seguinte resumo de sua história recente:

A história desses códices é simples. Alguns anos antes de 1925 o Dr. Jorge de Faria, ilustre intelectual português, adquiriu em Vila do Conde, pouco mais de duzentas folhas soltas de pergaminho, oriundas certamente do desbarato dalgum mosteiro ou casa religiosa, ou por causa da extinção das Ordens, em 1834,² ou por causa dos atos violentos que se seguiram aos acontecimentos de 1910.³ Daí passaram às mãos do atual proprietário [ou seja, o próprio Serafim da Silva Neto] (Silva Neto, 1956, p.105-106).

Data venia a Silva Neto, não é tão simples assim a verdadeira história desses monumentos nem satisfatória sua explicação. Sobre isso, caberia ainda muito a dizer, sobretudo por se tratar de patrimônio cultural, originalmente português.

Sabe-se, entretanto, que em 1964 foram vendidos pela viúva de Serafim da Silva Neto, dona Cremilda, após o precoce falecimento do eminente linguista, aos 42 anos, à UnB e nessa universidade até hoje permanecem. Registre-se que couberam ao professor Nelson Rossi, antigo catedrático de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia a iniciativa de aquisição, o processo de negociação e a perigosa conquanto justificada atitude de os subtrair de Brasília, logo após o golpe militar de 1964, levando-os consigo para Salvador. Esses manuscritos estiveram com ele por oito anos, até 1972, ano do quarto centenário de publicação de *Os Lusíadas*, quando só então retornaram à UnB.

Note-se que muitas dessas mais de 200 folhas referidas por Silva Neto ou não chegaram ao país, ou aqui se perderam, haja vista o *Flos Sanctorum* ser constituído, hoje, de 81 folhas⁴, os *Diálogos de São Gregório*, de 79, e o *Livro das Aves*, o que entre todos se encontra em estado de deterioração mais avançado e mais fragmentário, algo em torno de dez por cento dos outros dois, contando com apenas 8 folhas e meia. Perfaz o conjunto um total de 168 fólhos e meio, escritos dos dois lados.

² Essa data refere-se à restauração, por dom Pedro IV de Portugal (dom Pedro I do Brasil) em favor de dona Maria II, sua filha, do trono português, que se encontrava em poder de dom Miguel. José Joaquim Nunes (1925:231) dá como data da extinção das ordens religiosas o ano de 1853.

³ Esses acontecimentos relacionam-se com os movimentos que culminaram com a proclamação da República em Portugal no dia 5 de outubro de 1910.

⁴ Existe mais um fólho, o de número 78, que se julgava pertencer ao conjunto do *Flos Sanctorum* em função da numeração moderna nele inserida, mas que foi devidamente identificado pelo professor Nelson Rossi como parte integrante dos *Diálogos de São Gregório*, corrigindo-se o equívoco da numeração moderna.

Mas não é intenção discutir a história desses manuscritos, senão algumas características linguísticas que os distinguem como um monumento inestimável, fazendo-os funcionar como testemunhas-chave do processo de constituição histórica da língua portuguesa. Aliás, língua não se conhece. Reconhece-se.

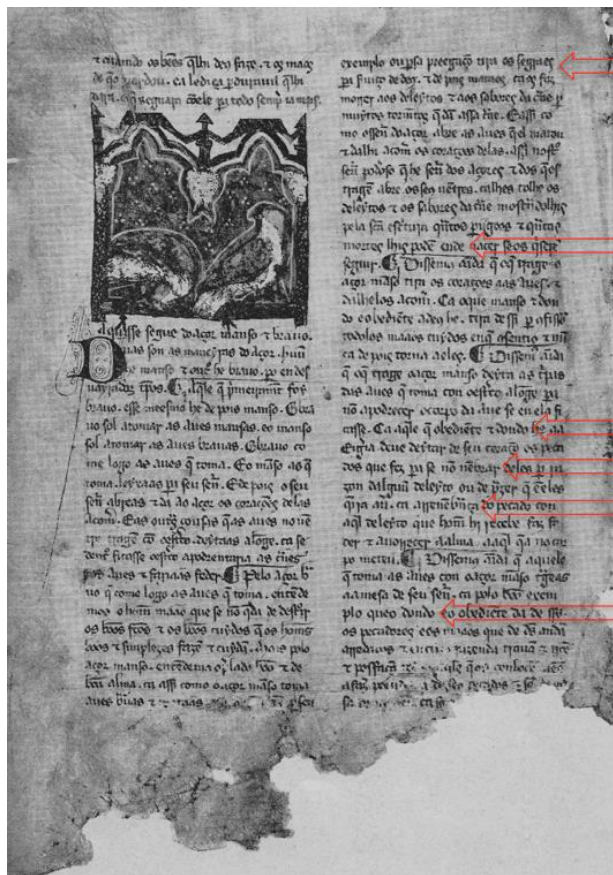
A FORTUNA LINGUÍSTICA DESSES MONUMENTOS

Machado Filho disse certa feita que, por “mais *nevoento* ou mortal que se vislumbre o cenário da existência humana a que se atrela qualquer língua, mais sobrevivente tem sido a palavra como suporte a essa história” (Machado Filho, 2014, p.13).

Os *Manuscritos Serafim da Silva Neto (MSSN)* são prova disso. O espólio lexical desse conjunto monumental surpreende e tem alimentado pesquisas em diferentes áreas do conhecimento e, especificamente na área de Letras, investigações de natureza sobretudo lexicográfica ou morfossintática, de viés histórico-variacional, no Brasil e fora dele.

O papel de depositário do léxico, no que concerne à contribuição de etimologia latina e românica, é evidente e prolífico, tendo-se constituído em excelente fonte de composição de vocabulários históricos da língua portuguesa, e, inclusive, servido principalmente dois dos três documentos, o *Flos Sanctorum* e os *Diálogos de São Gregório*, pela sua extensão, de base principal para a construção do primeiro *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, período temporal da taxionomia linguística que efetivamente representam.

Não menos importante tem o *Livro das Aves* oferecido dados significativos para estudos de diferentes áreas do conhecimento e, ainda, para a nova edição do referido *Dicionário*. É com esse belíssimo manuscrito que se pretende iniciar a observação de alguns fatos linguísticos representativos do período arcaico da língua portuguesa. Veja-se a Figura 5, que ora se apresenta.



- segraes (< *segre* [< fr. ant. *siegle* < lat. *saeculum*] + -al)
- ende (< lat. *inde*). 'pronome anafórico'.
- dondo (< lat. *domitus, a, um*). 'dócil'; 'manso'; 'mal-assado'.
- nẽbrar (< lat. *memorare*).
- rrenẽbrança (< *re* + *nembrança*).
- dondo (< lat. *domitus, a, um*). 'dócil'; 'manso'; 'mal-assado'.

Figura 5 – Exemplos de elementos lexicais de étimo latino, românico e por derivação no *Livro das Aves*.

Entre esses itens, merece destaque o *ende*, com sua variante *en*, cujo desaparecimento representa uma mudança de ordem gramatical bastante relevante na história da língua portuguesa e que nos *Manuscritos Serafim da Silva Neto* são extremamente produtivos.

O *en/ende*, similar ao *en* francês contemporâneo, como nos exemplos *Vous parlez de la dernière exposition du Musée d'Orsay? – Non, nous n'en parlons pas* e *Est-ce que tu as acheté une nouvelle voiture? – Oui, j'en ai acheté une pour ma mère*, era também de presença obrigatória na língua, sob pena de tornar a sentença agramatical. Entretanto, hoje essa mesma construção mereceria uma resposta sem a necessidade de utilização de qualquer pronome, como em *Você comprou um carro novo? – Sim, comprei, para minha mãe*. É claro que isso se aplica ao português brasileiro mais efetivamente, já que no português europeu a regra para queda de pronomes em posição acusativa é diferente.

Não obstante, registra o conjunto de manuscritos, ainda, largo volume de unidades provenientes de outras etimologias, a exemplo do árabe, de línguas germânicas e de diferentes línguas românicas.

Quanto à influência árabe na língua portuguesa, a cujo processo de adjacência linguística chama de “aluvião”, afirma Joseph-Maria Piel:

Entre os elementos que, nas épocas obscuras em que se foi constituindo o Idioma, vieram avolumar o património vocabular latino, não há nenhuns que, quantitativa e qualitativamente, se possam comparar com aqueles, cuja aceitação se deve ao convívio e relações culturais das populações hispânicas com as muçulmanas. O «superstrato» árabe revela-se, com efeito, incomparavelmente mais avultado que o visigodo, pois abrange praticamente todos os sectores da vida material. Contam-se por várias centenas os vocábulos árabes, comuns, regionais ou antigos, que o português, antes ainda de merecer este nome, fez seus, adaptando na medida do possível os sons da língua semita ao sistema fonológico próprio. Por muito importante que seja, esta contribuição limita-se, na verdade, quase exclusivamente, a substantivos, sendo virtualmente inexistentes expressões respeitantes a qualidades morais e outras noções abstractas (Piel, 1989, p. 10).

A que se pode acrescentar:

A permanência, de mais de cinco séculos, da cultura extremamente prolífica e versátil dos árabes, naquela parte ocidental da Península Ibérica, deixou marcas indeléveis no léxico, tendo sido transportadas para as diferentes regiões em que Portugal construiu seu império extrativista e comercial, a partir do século XV. Estima-se que haja nos dicionários de português algo em torno de mil itens lexicais de étimo árabe, ainda hoje (Machado Filho, 2013, p.62).

Nos *MSSN*, identificam-se inúmeros exemplos, entre os que abaixo se apresentam:

achac[ar] – v. (ár. de *achaque* [este, do ár. *ax-xaqqiyya*). ‘queixar-se’. || IPP3 [xiv/flos/81vc2]: Entõ el **achacou**-se aa boa dona e disse-lhe.

açoute(s) – sm. (< ár *as-sawt*). ‘instrumento utilizado para punição ou flagelo’. [xiv/flos/19vc2]: e tiinha huum bagoo na mão douro e nooso e em cima huum **açoute**. [xiv/ldav/xxi19]: Bem assi o ffilho de Deus que he nosso cedro quando foy corto per testemunhos falsos e per **açoutes** e pelos clavos con que foy pregado na cruz. [xiv/flos/36rc2]: huma noyte dormindo em seu leyto, apareceu-lhi a gloriosa sancta olalha e deu muytos **açoutes** em sas costas’.

afaagar ~ afagar – v. (< ár. *hafala*). ‘dar atenção’; ‘acariciar’. || INF [xiv/flos/21vc2]: e como fez aa besta de gram crueza conhecer seu furto e haver vergonça e, chamada, viirr a amerger a cabeça e leixou-se **afaagar**. [xiv/dsga/37-128]: E quanto o mundo nos mais **afagar** con as cousas

deleitosas que á, tanto o nós mais devemos a despreçar pois veemos que nos mente con aquilo que nos promete. || G [xiv/flos/46vc2]: E abraçando-o muyto e **afaagando**-se pera fazer mal com ele.

aldeia ~ **aldeya** ~ **aldea** – sf. (< ár. *al-day'a*). ‘pequeno povoado’. [xiv/dsga/23-2]: Contou ainda San Gregorio que aquesta madre de San Bonifacio criava sas galinas en huum logar apartado daquela casa en que morava e huma raposa soia a viir duma **aldeia** para a outra que hi estava mui chegada e comia-lhas. [xiv/flos/46vc1]: E havia huum sergente que o servia que morava em huma **aldeya** preto dele. [xiv/flos/46vc1]: Queres yr a aquela **aldea** chamar o nosso sergente que nos traga aquelas cousas que mester havemos?

aljoufar – sm. (< ár. *al-jawbar*). ‘pérola’; ‘lágrima’. [xiv/flos/17vc2]: E yam ante ela e depos ela muy grandes companhas de meninhos e de meninas muy fremosas, que outrossi yam muy bem guarnidos e guarnidas, ca todos tragiam muytos panos e sartas e vincos e brochas e anees douro e de prata e d'**aljoufar** e de pedras preciosas. E com sabor delas, yam hi seus amigos, que se ã avondavam de as veer.

ata – prep. (< ár. *batta*). ‘até’. [xiv/flos/72rc2]: Se pesseverares **ata** a cima, naquesta morada te receberey eu. [xiv/dsga/5-49]: Assi como ora eu ouvi **ata** aqui, a min semelha que en vãõ cuidava eu que en terra de Italia non avia padres santos que fezessem miragres e maravilhas. [xiv/ldav/xix-19]: e crece cada dia de vertude en vertude pelas bõas obras que faz **ata** que se vay pera a [gloria do] parayso.

cafizes – sm. pl. (< ár. *qafiz*). ‘cacifo’, ‘cacife’; ‘espaço para guardar coisas’; ‘cota de cada jogador’; ‘medida para secos’. [xiv/flos/3vc1]: ca saãem todos, em tempo de pã colher, a segar ou a servir por el, em alguma guysa, assy que o que chus pouco gaanha tres ou quatro **cafizes** som. Desto filham eles a mayor parte e dã-na a seus abades pera os pobres.

Uma análise mais atenta às abonações antes vistas permite identificar, para além dos léxicos em destaque, curiosos aspectos de diferentes níveis de análise linguística em que essas unidades se inserem. Observem-se as figuras na sequência e as observações que lhe são imputadas.

'exemplo de regra de mudança fônica do latim para o português, em que se verifica a sonorização de surda intervocálica e a tão conhecida queda do <l>, também intervocálico', com manutenção de hiato' [< lat. *baculum*] 'bastão'.

'exemplo de queda de sonora intervocálica' [< lat. *nodosus*] 'com nós'.

açoute(s) – sm. (< ár. *as-sawt*). 'instrumento utilizado para punição ou flagelo'. [xiv/flos/19vc2]: e tiinha huum bagoo na mão douro e nooso e em cima huum **açoute**. [xiv/ldav/xxi19]: Bem assi o ffilho de Deus que he nosso cedro quando foy corto per testemunhos falsos e per **açoutes** e pelos clavos con que foy pregado na cruz. [xiv/flos/36rc2]: huma noyte dormindo em seu leyto, apareceu-lhi a gloriosa sancta olalha e deu muytos **açoutes** em sas costas'.

< ' exemplo de part. pass. irregular [part. pass. de *cortar*] [< lat. *curtare*].

< lat. *clavu(s)* 'prego'.

'forma átona clítica do possessivo feminino de terceira pessoa, que ocorre exclusivamente diante de substantivos e adjetivos, diferentemente da tônica *sua* [< lat. *suam*].

Figura 6 – Destaques linguísticos no verbete *açoutes*.

'forma átona clítica do possessivo feminino de terceira pessoa, que ocorre exclusivamente diante de substantivos e adjetivos, diferentemente da tônica *sua* < lat. *suam*.'

aldeia ~ aldeya ~ aldea – sf. (< ár. *al-day'a*). 'pequeno povoado'. [xiv/dsga/23:2]: Contou ainda San Gregorio que aquesta madre de San Bonifacio criava sas galinas en huum logar apartado daquela casa en que morava e huma raposa soia a yiir duma **aldeia** para a outra que hi estava mui chegada e comia-lhas. [xiv/flos/46vc1]: E havia huum sergente que o servia que morava em huma **aldeya** preto dele. [xiv/flos/46vc1]: Queres yr a aquela **aldea** chamar o nosso sergente que nos traga aquelas cousas que mester havemos?

'antes do processo de metátese para *perto*' [< lat. *prettus*].

'pronome anafórico, similar ao *y* do francês moderno, que começa a desaparecer do português entre os finais do século XIV e inícios do XV'.

'o verbo *vir* ainda na sua forma etimológica marcada pelo hiato < lat. *venire*'.

Figura 7 – Destaques linguísticos no verbete *aldeia*.

'conjunção explicativa ou comparativa, ainda presente no francês moderno < lat. *quam*'.

aljoufar – sm. (< ár. *al-jawhar*). 'pérola'; 'lágrima'. [xiv/flos/17vc2]: E yam ante ela e depos ela muy grandes companhas de meninhos e de meninas muy fremosas, que outrossi yam muy bem guarnidos e guarnidas, ca todos tragiam muytos panos e sartas e vincos e brochas e anees douro e de prata e d'**aljoufar** e de pedras preciosas. E com sabor delas, yam hi seus amigos, que se **nõ** avondavam de as veer.

< lat. *vinculum*. < fr. *broche*. < lat. *anellus*.

'o adv. *nõ* ainda na sua forma etimológica antes da generalização em ditongo nasal.

'o verbo *ver* ainda na sua forma etimológica marcada pelo hiato < lat. *videre*'.

Figura 8 – Destaques linguísticos no verbete *aljoufar*.

Ademais, deve ser próprio a monumentos não apenas representar uma história cristalizada e, quiçá mesmo, asséptica às confluências e defluências sociais, mas especialmente permitir a apreensão dos movimentos e dos contornos da sociedade que os constrói, servindo-se-lhe funcionalmente de forma retroalimentadora, isto é, o monumento não deve ser visto apenas como um produto histórico, mas a representação de processos concorrentes e sucessivos, que se podem esguardar através da acuidade do olhar.

Isso demonstra a 'importância' e o 'valor' de monumentos linguísticos, expressos nesses dados, para a questão do ensino de língua portuguesa hoje e para a necessária tarefa de quebra de preconceito, principalmente em uma sociedade em que a língua transplantada se deparou com outras realidades linguísticas, indígenas e africanas, e às quais se deveria render tributo em seu presente. Lembre-se que essa transplantação se deu muito sem o controle da escolarização, cuja falta, neste país, é de valor monumentalmente histórico, pois reúne a falta de educação no Brasil os semas necessários para a composição da ideia de monumento: 'grandiosidade', 'história', 'imponência', 'importância', 'sobrevivência'. Que não mais haja homens e mulheres que o queiram preservar.

Entrementes, fenômenos como alguns dos observados nos *Manuscritos Serafim da Silva Neto* reforçam a noção de que o padrão linguístico é, como diria Fernando Pessoa, um

“desconforto da alma mal-entendendo” (Pessoa, 1977, p.365), já que o que se pode considerar como certo em um momento da língua pode vir a equivaler a um drástico motivo de rejeição sociolinguística em outro.

Se se revisitarem algumas ocorrências do verbete *cafizes*, abaixo, pode-se melhor interpretar essa questão.

'a metátese, isto é, a troca de posição de fonemas em sílabas ou dentro de um vocábulo, é o formato que sobrevive no português hoje (cacifo e cacife), sendo seu formato etimologicamente gerado (cafize), considerado um erro hodiernamente. Não obstante, as normas cultas rejeitam incondicionalmente formas como *tauba*, para *tábu*, ou **Tranquedo*, para *Tancredo*'.

cafizes – sm. pl. (< ár. *qafiz*). ‘cacifo’, ‘cacife’; ‘espaço para guardar coisas’; ‘cota de cada jogador’; ‘medida para secos’. [xiv/flos/3vc1]: ca saãem todos, em tempo de pã colher, a segar ou a servir por el, em alguma guysa, assy que o que chus pouco gaanha tres ou quatro **cafizes** som. Desto filham eles a mayor parte e dâna a seus abades pera os pobres.

'o substantivo *pão*, grafado *pã*, seria hoje considerado um duplo erro linguístico, na forma fônica, que certamente mereceria críticas a seu falante, sobretudo se pertencente a minorias, assim como na forma escrita, conquanto corresponda à sua sincronia e esteja etimologicamente amparado' [< lat. *panis*].

'o emprego verbo *ser*, na forma *som*, na terceira pessoa do plural, sem o ditongo nasal que hoje o caracteriza, seria avaliado como erro linguístico, em ambas as modalidades da língua, não obstante sua etimologia' [< lat. *sunt*].

Figura 9 – Destaques linguísticos no verbete *cafizes*.

Os destaques apresentados tornam evidente que o valor ainda maior desse espólio documental reside na possibilidade de representarem os manuscritos a variação em sua inteireza histórica – se é que isso seja possível –, sem os disfarces e controles de uma norma-padrão que ainda se encontrava àquela altura embrionária. Embora não seja, obviamente, essa revelação uma exclusividade desses textos medievais, são os *MSSN* únicos no Brasil desse período, momento em que transitava a língua portuguesa entre a primeira e a segunda fase do período arcaico ou, como preferem alguns, em direção ao português médio, e em que nem sequer existia a ideia de um país tropical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se pôde depreender, os *Manuscritos Serafim da Silva Neto* constituem um verdadeiro espólio monumental da língua portuguesa e da representação do pensamento de uma época, nos limites em que se construía em Portugal uma nova dimensão política e social, com a ascensão de uma dinastia que viria estabelecer as bases para a grande aventura “por mares nunca dantes navegados”.

Essa foi uma época em que já se podiam ouvir histórias remotas em linguagem ou romance, que antes haviam sido apenas contadas em grego ou latim. Nos *Diálogos de São Gregório*, narrativa atribuída ao 66º papa da Igreja, Gregório Magno, “último da Baixa Idade Média” (Azevedo, 1789, p.122) e introdutor do cantochão, conhecido como canto gregoriano, em sua homenagem, vê-se, na estratégia de alegado diálogo que viria a travar com seu discípulo, curiosamente denominado de Pedro, dizer:



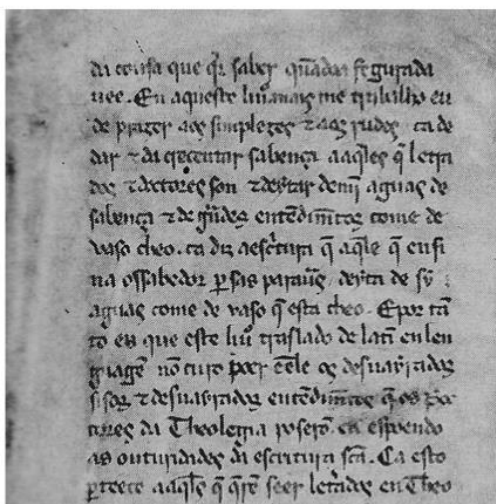
Figura 10 – Excerto do Livro Segundo dos *Diálogos de São Gregório* (f. 1).

E seu padre e sa madre enviaron-no pera Roma hu enviavan todos los filhos dos outros homens bõos naquel tempo, pera aprenderem as sete artes que chaman liberaes. (7) A primeira he a Gramatica que mostra en como homen pode falar ben e mal; (8) a segunda he a Logica que mostra per que carreiras homen pode viir mais aginha aa verdade e partir-se de falsidade; (9) a terceira he a Reitorica que mostra carreiras per que homen possa falar ben e aposto pera aver os corações dos juizes (...)

E todas estas sete artes chaman os letrados liberaes, porque fazem os coraçoes daqueles que en elas estudan livres e quites dos cuidados do mundo.

Note-se que *cuidado* advém do adjetivo latino *cogitatus, a, um*, do verbo *cogitare*, cuja carga semântica se relaciona a ‘agitar no espírito’, ‘remoer no pensamento’. E aí reside todo o esforço da educação, para libertar.

Os *MSSN* surpreendem também, para além dos valores linguísticos, nas lições do *Livro das Aves*, traduzido do original latino *De bestiis et aliis rebus*:



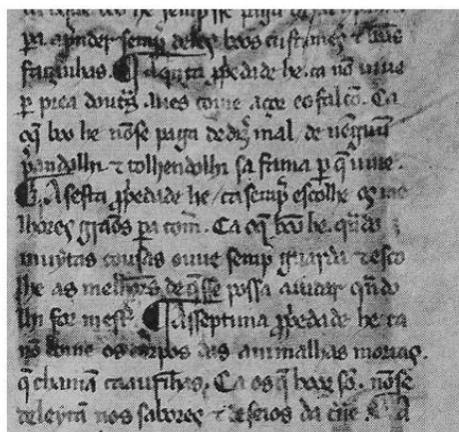
(...) mais me trabalho eu | de prazer aos simplezes e aos rudes / ca de | dar e da crecentar sabença aaqueles que letra | dos e doctores son e deytar de mĩ aguas de | sabença e de grandes entẽdimentos come de | vaso cheo . ca diz aescritura que aquele que ensi | na ossabedor per sas parauras / deyta de sy | aguas come de vaso que esta cheo (...).

LIVRO DAS AVES (f1rc1)

Figura 11 – Excerto do fólio 1rc1, do *Livro das Aves*.

E ainda em outro fólio:

(...) Ca oque bõõ he . quando muytas cousas ouue sempre guarda e esco | lhe as melhores de quesse possa aiudar quando lhi for mester (...).



LIVRO DAS AVES (f1rc2)

Figura 12 – Excerto do fólio 1rc1, do *Livro das Aves*.

Enfim, como reflexão final, extraído do *Flos Sanctorum*:

Huum frade preguntou
 hũũ mōge uelho ede gram
 sanctidade. edisselhi. que
 he oque salua ohomẽ.
 onome ou afama. ou
 aobra que faz. Eo mōge
 uelho respõdeu edisse.
 aobra que faz.

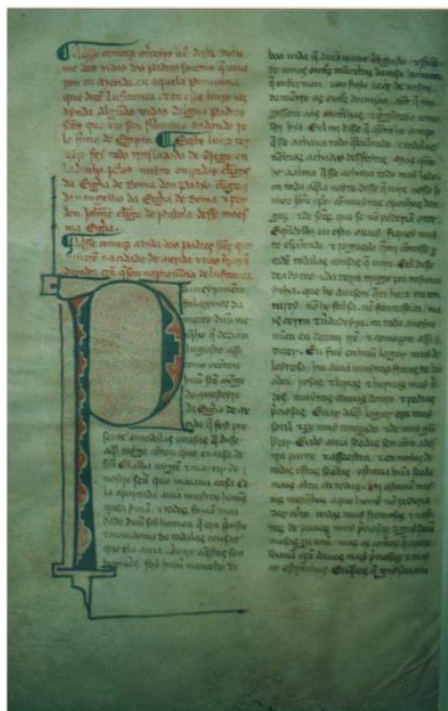


Figura 13 – Excerto do fôlio 27v, do *Flos Sanctorum*.

Opus factum est.

Este texto é dedicado às memórias de Rosa Virgínia Mattos e Silva & Nelson Rossi e a todos os que contribuem para a preservação e divulgação de espólios documentais, em especial dos *Manuscritos Serafim da Silva Neto*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: INCM, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 20.
- AZEVEDO, Joaquim de. *Chronologia dos summos pontífices romannos, extrahida dos melhores authores da história ecclsiastica*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1789.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio L. *Pequeno vocabulário do português arcaico*. Edufba/Editora UnB: Salvador/Brasília, 2014.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio L. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: Editora da UnB, 2009.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio L. Três manuscritos medievais trecentistas em confronto: indícios paleográficos e linguísticos recorrentes e divergentes nos Manuscritos Serafim da Silva Neto, *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 6, p. 39-51, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório. Edição Crítica com Introdução e Índice geral das palavras. Tese de doutoramento. Orientação de Isaac Salum. Universidade de São Paulo, 1971.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1977.

PESSOA, Fernando. *Novas poesias inéditas*. Lisboa: Ática, 1973.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português, *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 1989, pp. 9-16.

ROSSI, Nelson; Mota, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; Vera Sampaio. *Livro das aves*: edição e glossário. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

SOARES, Bernardo [PESSOA, Fernando]. *Livro de desassossego*. Lisboa: Ática, 1982.